

ENTREVISTANDO ALESSANDRO PORTELLI GLOBALIZAÇÃO: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS¹

*Paulo Roberto de Almeida²
Sergio Paulo Morais³*

Paulo Roberto de Almeida: hoje, tarde de quarta-feira, dia 21 de setembro de 2011, recebemos na Universidade Federal de Uberlândia, no Programa de Pós-graduação em História, o professor Alessandro Portelli da Universidade La Sapienza de Roma. Nós nos reunimos pra conversarmos sobre o projeto “Nada enraíza num lugar só. Memória e Globalização”, a partir da visão dos trabalhadores da ThyssenKrupp no Brasil e na Itália. O projeto “Nada enraíza num lugar só” nasceu a partir de uma inspiração que nós tivemos do trabalho do professor Alessandro Portelli que vem há algum tempo trabalhando com a ideia de memória e globalização. O avanço da ThyssenKrupp no mundo todo, o avanço da produção da aciaria no mundo todo da ThyssenKrupp impressionou de tal maneira que levou uma equipe multi-institucional da PUC de São Paulo, da UFU e da Unioeste a propor um projeto de investigação financiado pelo CNPq sobre a memória dos trabalhadores nesse processo de globalização. Dentro desse projeto nós recebemos hoje o professor Alessandro

¹ Alessandro Portelli é professor da Universidade La Sapienza de Roma. Tradução: Denise Nunes De Sordi.

² Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia. Atua nos programas de graduação e pós-graduação em História (INHIS), Linha Trabalho e Movimentos Sociais. Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Trabalho e Cidade – NUPEHCIT. Nota dos Revisores.

³ Professor Adjunto da Universidade Federal de Uberlândia. Atua nos programas de graduação e pós-graduação em História (INHIS), Linha Trabalho e Movimentos Sociais. Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Trabalho e Cidade – NUPEHCIT. Nota dos Revisores.

Portelli para desenvolver uma série de atividades e uma delas é justamente uma conversa. Nós estamos aqui com o professor Alessandro Portelli, com o professor Sérgio Paulo Morais, um dos pesquisadores do projeto, para conversarmos sobre a ideia de memória e globalização. Eu começaria perguntando: professor Alessandro Portelli, em 2009 nós nos encontramos em Fortaleza e naquela ocasião nós discutimos a perspectiva desse projeto de trabalhar com os trabalhadores da Thyssen Krupp, na ocasião o senhor tinha lançado um livro *Acciai Speciali*⁴ se não me falha a memória, sobre Terni, sobre o fechamento da ThyssenKrupp em Terni. A pergunta vai nessa direção, como se encontra Terni hoje depois de toda aquela situação, depois daquele drama vivido pelos trabalhadores da ThyssenKrupp naquela localidade?

Alessandro Portelli: a ideia deste projeto saiu de dois momentos muito dramáticos da história operária⁵ contemporânea na Itália; uma das tentativas da ThyssenKrupp de fechar a parte mais importante e mais avançada tecnologicamente de uma histórica fábrica de aço em Terni, que era uma fábrica de propriedade estatal até 1995 e depois foi adquirida pela ThyssenKrupp. E, contemporaneamente, houve uma greve em Terni que durou dois anos; a ideia, portanto, surgiu de um projeto de história oral sobre esta greve. Eu havia estudado essa cidade e essa fábrica; antes escrevi um livro sobre isso e dois anos depois da greve de Terni. O segundo momento, diz respeito a acontecimentos mais recentes. A ThyssenKrupp que tinha uma fábrica em Terni e tinha também uma planta em Turim ao norte. A Thyssen expressava

⁴ O livro, sem tradução para o português, possui as seguintes referências: PORTELLI, A. *Acciai Speciali*. Terni, la ThyssenKrupp, la globalizzazione. Roma: Donzelli editore, 2008. Nota dos Revisores.

⁵ O professor Alessandro Portelli utiliza o termo em espanhol “obrera” que em geral, refere-se ao termo “trabalhadores”, mas pode referir-se, de acordo com o contexto da fala, a “operários”. Decidi manter o termo “operário”, pois neste momento o professor refere-se à classe operária da ThyssenKrupp utilizando o termo “trabalhadores” em outros momentos da entrevista. Nota da tradutora.

vontade de fechar a fábrica de Turim e pretendia transferir todo maquinário e todos os trabalhadores para Terni. Então passaram sobre as medidas de segurança em Turim e o que ocorreu foi que uma noite ocorreu um grande incêndio na fábrica e sete operários da ThyssenKrupp em Turim morreram queimados vivos! Isso foi uma grande tragédia. Agora a ThyssenKrupp é de alguma maneira, na Itália, sinônimo de massacre, de tragédia. A situação atual é a seguinte, o tribunal de Turim condenou administradores da ThyssenKrupp na Itália por homicídio, por falta de prevenção, é porque, como se diz, com dolo eventual, com malícia eventual, porque passando sobre as medidas de segurança, tinha a consciência de que isso poderia resultar em fatalidades. Então foram os administradores condenados a dezesseis anos de prisão. Nesse momento estão livres, porque esperam a decisão de segunda instância. Eles anunciaram depois de dada a sentença deste veredito, em primeiro juízo, que iriam fechar completamente a fábrica em Terni, fazendo exatamente o oposto do que planejavam. Então é como se fechar a fábrica em Terni representasse uma represália sobre a condenação em Turim. Em uma assembleia de empresários em Turim, a empresa colocou que existe demasiada atenção à segurança e lembraram que o fechamento levantaria um problema para a economia porque os investidores acionistas estrangeiros não iriam investir mais na Itália. Então vemos como trocam, ou esperam trocar, a segurança e a vida dos trabalhadores pelo afrouxamento das “questões de trabalho”. Os trabalhadores em Terni estão como que “rachados” entre a solidariedade com seus companheiros em Turim. Há, por um lado, a ideia de que tem que se identificar com os interesses da empresa, mas ao mesmo tempo, passam a refletir sobre a segurança no interior do processo produtivo. Agora estão, em diálogo, o governo, a empresa e os sindicatos, entretanto, não se sabe o que acontecerá. Mas, a lição de toda experiência é que a multinacional não quer estar sujeita⁶ à lei, ela quer exercer um poder acima da lei. O poder da multinacional sobre as vidas dos

⁶ Pode-se ler “submetida”. Nota da tradutora.

trabalhadores é um poder que não tem controles democráticos, que não tem “contra-poderes”. Isso é o que ocorre agora na Itália, em Turin e em Terni.

Sérgio Paulo Morais: professor, retornando ao ano de 2004, em Terni, época em que houve uma real possibilidade da empresa ser encerrada. No final de 2003, o senhor e pesquisadores do Circolo Gianni Bosio produziram um CD-ROM “comemorativo” dos cinquenta anos em que milhares de operários foram demitidos. Nesses momentos, em 2003 e em 2004, o senhor diz que ocorreram interposições de memórias, recuperando ou retornando ao período 1952-1953, ou seja, as narrativas e as ações diretas retomaram a uma época de acontecimentos significativos e muito difíceis para a cidade e para os operários...

Alessandro Portelli: 1952 ou 1953 foi o tempo de uma greve muito importante na cidade de Terni, quando toda a cidade se rebelou contra a demissão de algo em torno de três mil trabalhadores. E foi um momento de identidade coletiva em uma cidade operária. Os operários foram despedidos, mas houve um feito, uma batalha contra isso. É um feito de dignidade. E também nos anos de 1950 estavam convencidos de que defender os postos de trabalho era como uma etapa para uma mudança social radical. Havia uma canção que dizia: “La gran vittoria non esta alejada, trabajadores adelante!” E a grande vitória era o socialismo e tudo isso. Em 2004 não se falavam sobre isso. Porém, os trabalhadores de 2004 e de 2005 são os filhos e os netos dos trabalhadores de 1952, e, na memória da cidade, quando estourou a notícia de que iam fechar este departamento de equipamentos magnéticos, logo o setor sobre o qual se sentem mais orgulhosos, toda a cidade se recordou da ameaça de 1953 e toda a cidade foi solidária com os operários. Porém, muito havia mudado. Em 1953 havia uma organização política que não existiu em 2004, e em 1953 havia uma ideia de futuro, talvez equivocada, eram todos stalinistas, mas havia a idéia de que poderia existir um futuro. Em 2004 não ocorreu

nenhuma visão de futuro, teve-se uma luta puramente de defesa para a possibilidade de sobreviver. Isto foi a grande mudança visível entre os anos de 1950 e os anos de 2000.

Sérgio Paulo Morais: professor, essa situação vivida em Terni pode ocorrer em outras regiões do mundo. Mas, especificamente nessa cidade italiana, essa sobreposição de memórias tem nos mostrado diferenças e peculiaridades em relação às percepções sobre o passado. O que fez efetivamente “deslaçar as molas da ação” quando a possibilidade de fechamento da empresa em 2004 ficou evidente? Digo isso, pois, houve uma significativa mudança dos sujeitos em questão; eram, por exemplo, “stalinistas” nos anos 50 e agora, mais recentemente, não são...

Alessandro Portelli: não são... Os torcedores da *Ternana*⁷ agora é a única forma de organização que possuem os operários. Vale dizer que as torcidas organizadas foram muito ativas durante a greve, isso é um caso muito raro de agitação de esquerda, mas é a única forma organizada que possuem (e que possuíram na ocasião). Eu creio que está acontecendo uma mudança muito radical de identidade, em diversos aspectos. A visão de futuro era também que os operários de 1952 estavam convencidos de que trabalhariam na fábrica por toda a vida e que também seus filhos trabalhariam na fábrica por toda a vida. Agora não há nenhuma garantia de um futuro, não só um futuro político da revolução ou de mudanças, mas de um futuro pessoal. E também uma parte muito grande, talvez quarenta por cento dos operários, são trabalhadores precários que não têm contratos, como o contrato dos metalúrgicos; não têm garantias de que estarão nos empregos por muito tempo e assim não estarão também nos sindicatos. Muitos deles são imigrantes que quase não falam italiano e que estão sobre a ameaça de que, se fizerem algum protesto, podem ser expulsos do próprio país. Então, ironicamente

⁷ *Ternana Calcio*: equipe de futebol da cidade de Terni que existe desde 1925. Nota dos revisores.

e paradoxalmente temos uma classe operária mais garantida nos anos de 1950, e esperávamos ver uma consciência política mais radical em uma classe operária que não tem garantias, que está perdendo todos os seus direitos e que está também perdendo consciência. Hoje não se pode permitir ter consciência política porque estão continuamente sobre ameaça.

Sérgio Paulo Morais: sim. Sobre a “consciência política”, há uma tradução para o português em que, após uma citação de Humberto Eco sobre esporte e política, o senhor reforça algo mais ou menos assim: “em uma época em que o discurso político e a consciência de classe são antiquados e são silenciados, as linguagens dos desportos e da nação são na realidade um substituto inadequado, porém, podem assim mesmo serem as únicas linguagens disponíveis para uma classe operária que trata de romper o silêncio imposto e a amnésia histórica. Colocar a greve na forma de uma partida da Itália contra a Alemanha, ou de uma guerra, pode ser que fosse um modo de ofuscar as consequências de classe que tinha a luta. Porém, de qualquer forma os operários de Terni disputaram a partida”. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco mais sobre essas linguagens. Sobre o futebol, por exemplo.

Alessandro Portelli: isso saiu de Humberto Eco. Ele coloca que as formas da conversa sobre a prática do futebol são muito similares às formas da discussão política e que isso substitui o discurso político, ele refere-se a um “êxtase do discurso político”. O que eu entendo que essas coisas novas nunca vão somente a uma única direção, se revertem também e quando... Humberto Eco escrevia em uma época em que havia muita atividade política, ele dizia que o bate-papo desportivo era uma forma de ofuscar a política, agora que não há bate-papo sobre a política, parece a única forma de se falar! Na greve de 2004, 2005 o discurso dominante entre os manifestantes era um discurso antialemão. Um colega historiador, Renato Corino que estava comigo dizia “esta gente não estão aqui contra os patrões, estão aqui [nas

manifestações] porque os patrões são alemães”. E, com isso, organizaram a primeira forma de discurso para falar contra o patrão. Eu me recordo de um operário da organização de 1953 que dizia que há um antagonismo político aos alemães porque, em 1954, a Alemanha “roubou” uma final de um mundial contra a Hungria, até então comunista. Então, ele tem um sentimento antialemão desde 1954. E também temos toda a memória que é nacionalista, mas também política da ocupação nazi e depois da resistência contra os alemães. Isso, as generalizações mais recentes que carregam toda essa história, mas a versão midiática, digo que não tem a versão da memória coletiva, de memória familiar. A resistência se volta mais em uma batalha antialemã do que uma luta antinazista, antifascista e democrática. Percebemos que o discurso político é um tabu. E só se pode falar de coisas como futebol, então se utiliza de futebol para falar de política.

Paulo Roberto de Almeida: professor, que queria voltar um pouco ao processo de Terni até para comparar com aquele que nós temos encontrado aqui. O senhor disse que Terni era uma aciaria estatal privatizada vendida em 1974...

Alessandro Portelli: 1994...

Paulo Roberto de Almeida: 1994! Mais ou menos no mesmo tempo que nós tivemos o que chamamos de privatização. Para nós, na verdade, foi uma transferência do patrimônio público, estatal, à iniciativa privada por “moeda podre”, na verdade nunca entrou um centavo nos cofres públicos pela... Por todo o patrimônio que teoricamente foi vendido. Mas enfim, nós tínhamos aqui a tradição dos operários das empresas estatais; eram operários orgulhosos de si, porque na verdade eles se diferenciavam dos outros pelas conquistas, pela estabilidade no emprego, pelo nível salarial, pelas condições de trabalho enfim... Ser operário de uma estatal aqui ainda é desejo de qualquer cidadão por algumas, que eles julgam, regalias do serviço público. Mas enfim, no operário da estatal nós encontramos em Santa Luzia, na região de Belo

Horizonte, a Forja Acesita que era uma empresa estatal, que era uma forjaria estatal que foi privatizada (vendida) à ThyssenKrupp, hoje é ThyssenKrupp, mas nós notamos com a nossa pesquisa que antes da privatização, para privatizar, primeiro se operou uma desmoralização desses trabalhadores, primeiro vendeu-se uma imagem para a sociedade de que o trabalhador da estatal era um parasita do Estado, não trabalhava nunca e que ganhava muito “e etc”. Segundo, na própria produção, na própria onde a própria iniciativa privada, me parece, deixou de comprar os produtos da forjaria para que obrigasse a forjaria primeiro a não ter a quem vender e segundo não ter o que vender. Aos trabalhadores, por exemplo, dizem que passaram da produção de peças sofisticadas à produção de frigideira que para nós é considerado produção de “fundo de quintal”. Mas, esse é um dos lados da privatização o primeiro essa desmoralização dos trabalhadores e segundo, e aí eu estou perguntando isso ao mesmo tempo em que estou pensando nisso, eu imagino que aquilo que o senhor acabou de dizer, que a multinacional, a globalização, ela não quer ter nenhum tipo de controle, ela não quer sequer submeter às leis do Estado nacional, muito menos de controle democrático. Mas isso precisava deixar claro pra sociedade como funcionaria, então primeiro a privatização ela veio pra acabar com esse tipo de tradição operária, tinha que acabar! Por quê? Porque no fundo, no Brasil o operário da empresa estatal ele era um padrão para os outros operários da iniciativa privada; a luta, na verdade, era pra se chegar àquele padrão, então tinha a necessidade de fazer desaparecer com esse padrão, segundo essa ideia de que a multinacional agora ela não quer ter fronteiras, não quer ter nenhum controle, e aí eles sofisticam essa linguagem entre nós de flexibilização. A legislação precisa ser flexibilizada, e eles estão encontrando, pelo que nós estamos percebendo é... Nos projetos da ThyssenKrupp no Brasil, eles tão encontrando situações “legais” para fazer valer essa ideia de que não precisa ter nenhum controle. Eles “tão” individualizando as relações com os próprios trabalhadores. E matando qualquer forma de organização quebrando aquela tradição. Essa individualidade, dando inclusive

uma formação individualista a esses trabalhadores. Esse processo de privatização na Itália, ele foi mais ou menos semelhante ao nosso? Ele passou por essa violência, convencendo a sociedade de que o projeto de privatização era o único possível? O único pra salvar a empresa naquele momento? Foi dessa forma também?

Alessandro Portelli: a lógica da privatização é que o setor público é ineficiente, está desorganizado e não produz renda, não gera nada. Sobre os operários em Terni, diziam que a fábrica estava perdendo dinheiro; as pessoas diziam que eram parasitas porque viviam com os impostos que as pessoas pagavam. É uma história bastante complexa da fábrica em Terni, porque a estabeleceram em 1875 como uma fábrica militar (para a marinha) e quando, sobretudo no segundo pós-guerra nos anos de 1940 e depois em 1945, o acordo de paz com os aliados, isso na Itália tem limites muito grandes, o que se pode compreender como fábrica militar, deste modo não teria mais uma função. Então, de outro lado, estavam desmoralizando os operários, de outro lado os operários tinham orgulho muito forte em trabalharem com o aço, que é sua competência profissional, é sua bravura profissional. E, sobretudo com esta ideia que a fábrica era deles, porque era uma fábrica pública. Na guerra foram os operários que não permitiram que os alemães levassem todo o maquinário, e destruíssem a fábrica. Então, a fábrica existia porque os operários a haviam salvado e também tinham a ideia de que a cidade pertencia a eles, porque a fábrica lhes pertencia, porque eles haviam protagonizado a existência da fábrica. Então se tinha de um lado um grande orgulho... Mas os desmoralizavam dizendo que a fábrica não produzia, dava prejuízo, não pagava os impostos investidos pelos cidadãos. Por seu turno, a política nacional não sabia o que fazer com essa produção de aço porque não havia, não havia um mercado suficiente, não possuíam uma estratégia e precisavam privatizar peças da fábrica e utilizavam a gestão da fábrica de maneira corrupta, de maneira clientelista. Muitos operários, muitos trabalhadores, diziam que quando chegaram os alemães nos anos de 1990, eles os agradeceram por ter organizado a fábrica, tudo era mais eficiente se trabalhava melhor

com os alemães. Logo após um tempo de relativa paz social, quando se deram conta de que a ThyssenKrupp não tinha nenhum compromisso com eles ou com a cidade; quando eles estavam convencidos que se existia um compromisso, como anteriormente se tinha um compromisso entre a empresa pública e a cidade. A multinacional não tem nenhum compromisso com o local. Pode fechar, pode abrir, pode mudar, pode deslocar, como queira. E isso em todos os discursos sobre a greve há um sentido como de traição. Acreditamos que éramos sócios, e agora nos damos conta de que não, de que a “empresa não se importa conosco”, não se importa com a cidade, não se importa com a economia nacional, com nada de nada. Então vimos que com a multinacional não somos cidadãos, como se sentiam com a fábrica pública. O fator de orgulho que permanece é um grande sentido desse orgulho sobre manejar o aço. Tenho muitas entrevistas em que te dizem “a fábrica te humilha porque é enorme e você é pequeno, mas você pequeno como é, é quem manda nesta fábrica enorme”. “A fábrica te humilha e te dá poder; te dá poder coletivamente porque não é individualmente, singularmente, que se faz funcionar fábricas, é como uma coletividade operária”. Essa ideia da coletividade operária está sendo quebrada pela política contemporânea do governo Berlusconi e pelas grandes empresas, tal como a Fiat. Na Itália temos um artigo da constituição que diz que todo trabalho está regulado pelos contratos assinados coletivamente. Agora, cada vez mais estão substituindo os contratos nacionais sindicais por contratos individuais. Impondo contratos diferentes de uma planta à outra. Com isso, cada vez mais, estão individualizando o trabalho. Então esse sentido de que tudo se defende com a solidariedade e com a força organizada com os outros. Se não tem proteção, o que te oferecem a superioridade, a hierarquia? E há um distanciamento muito grande entre os sindicatos, há visões bastante distintas. Os sindicatos que são mais ligados à esquerda e, sobretudo, aos metalúrgicos rechaçam tudo isto. Há centrais sindicais como a CISL⁸ que diz que são cúmplices da política do

⁸ Ver: < <http://www.fim.cisl.it/>> Acesso em: 11 out. 2011. Nota dos revisores.

governo, que aceitam tudo isso em troca de um poder que lhes dá o consentimento dos trabalhadores, se não do governo. E agora há crise e isso está mudando. Também os sindicatos mais conservadores estão se dando conta de que precisam fazer algo para proteger os direitos de seus membros, dos trabalhadores. Porém, esse processo de individualização, de flexibilização, de precarização do trabalho, esta, esta linha fundamental da política industrial do governo, de uma parte do movimento sindical e também da parte da esquerda que permanece convencida de que o privado é melhor que o público e que a privatização é uma coisa boa.

Sérgio Paulo Morais: professor, nesse caminho, essas questões entre os diversos sindicatos, as bandeiras, as indicações sobre a esquerda e a direita nesse período. Quero lhe perguntar o seguinte, em 2004, retornando aos acontecimentos na Itália, o partido de Berlusconi estava representado nas manifestações em Terni, colocando-se contra o fechamento da planta industrial. Os comunistas, as suas maneiras, estavam também presentes e com as mesmas intenções. Os torcedores de futebol local também estavam envolvidos. Nesse sentido, como lidar com essas diferentes dimensões “políticas”?

Alessandro Portelli: o governo Berlusconi estava em todas as partes, nominalmente teria que se opor ao fechamento da fábrica porque essa era uma mina para a economia nacional. Porém, quando os sindicatos foram ao Ministério do Trabalho para encontrar-se com o Governo e com a Thyssen; os representantes do governo diziam: “nós não podemos fazer nada, e não queremos, somos liberais, então não queremos interferir de nenhuma maneira com a política de uma empresa privada”. E não fizeram praticamente nada. Agora, uma das políticas de relações públicas da ThyssenKrupp apresenta a ameaça de fechar a fábrica em Terni como uma consequência do veredito de Turim. Na realidade, a greve terminou com o fechamento do setor magnético, mas os trabalhadores mantiveram seus trabalhos,

eles utilizaram outros departamentos, e o empenho da empresa é seguir atuando em Terni se o Estado proporcionar os serviços como transportes, energia e tudo isto. E primeiro não se pode na política da União Europeia e segundo o que se podia como uma linha ferroviária de Terni ao porto de Città Vecchia para facilitar o escoamento, mas não fizeram. Então todas as condições do acordo de 2005 não foram mantidas, então essa é a verdadeira razão pela qual querem fechar a fábrica. Os companheiros do sindicato o sabem e têm falado isto. Mas, a política de anúncios é uma política que diz que “vamos fechar porque as condições de trabalho aqui com todas essas leis, essas não nos permitem organizar o trabalho como queremos, porque há demasiada proteção dos operários e não se pode trabalhar nesse país com todos esses controles, não vamos”.

Paulo Roberto de Almeida: eu queria voltar a isso professor, porque a mim me parece que a ThyssenKrupp pelo que a gente está levantando em nossa pesquisa, em nosso projeto, é ela talvez encerre aquilo que há de mais contraditório, de contra senso na ideia de globalizado. No caso brasileiro hoje a ThyssenKrupp ela controla e acho que no mundo, eu queria perguntar isso ao senhor, mas ela controla toda a produção de autopeças para todas as montadoras no país. Ou seja, no setor automobilístico não existe concorrência, porque, na verdade, toda a base, o setor de autopeças é fabricado pela Thyssen Krupp; ela tem Ibirité fabricando para Fiat, Santa Luzia e Campo Limpo fabricando para as outras montadoras, monta-se uma fábrica na Bahia para outras empresas, enfim, ela controla hoje um setor de autopeças. Então, aparentemente, ela é a própria contradição do liberalismo. Porque na verdade, se ela nas relações, é isso que eu queria chegar, se nas relações sociais ela é liberal, no ponto de vista de mercado, de controle de mercado, ela não tem nada de liberal. Na verdade nós, mapeando as empresas adquiridas pela ThyssenKrupp no Brasil desde a fabricante de molas até a de virabrequim em Campo Limpo, ela praticamente controla todo o setor de autopeças hoje e mantém os trabalhadores reféns, não dela Thyssen Krupp,

mas das montadoras de automóveis. E mantém refém o governo nacional. O governo brasileiro, por exemplo, há alguns anos se vê na obrigação da redução de IPI de carro para não gerar uma crise de emprego no setor, e emprego onde? Nas montadoras? Também, mas emprego na fabricação de autopeças. Ao mesmo tempo em que ela não se submete a regras, ela impõe regras a esses governos. Impõe de forma direta, por exemplo, a redução de impostos, o IPI do carro no Brasil há muito tempo vem sendo reduzido e mantém-se essa redução. Então a ThyssenKrupp, usando a figura de Peter Linebaugh, é essa hidra de muitas cabeças, ao mesmo tempo que ela compra a produção ela exige do governo municipal, a infraestrutura de água, de asfalto, etc., para ela produzir ali, exige do governo o sistema de transporte eficiente para os trabalhadores chegarem a fábrica, exige toda a infraestrutura que é investimento público. Ela privatizou a produção e o lucro, mas ela socializou a infraestrutura. Eu queria chegar no seguinte ponto: hoje esse modelo anuncia sua própria falência na Europa, através da crise europeia que nós estamos assistindo. Por quê? Porque essas empresas globalizadas, como o senhor mesmo afirma, em outras ocasiões elas transferiram a sua produção para aqueles para a Índia, para a China, etc. Quando ela mantém os governos nacionais “reféns”, esses governos, chegarão a um determinado momento que não conseguirão dar respostas às exigências dessas empresas. A crise que se anuncia na Europa a todo o momento é fruto da instabilidade dos últimos anos (desde 2008) a mim me parece que está cheirando a falência desse modelo. Como tem sido a reação dos trabalhadores a essa ideia de crise?

Alessandro Portelli: a mim me parece que o monopólio é a conclusão natural do liberalismo de mercado; a direção é sempre a esse *free market* que sempre termina com um ganhador. E esse é o caso da Fiat na Itália, e de todas as marcas de veículos na Itália; Lancia, Ferrari, Masseratti, Lamborghini, Alfa Romeo são todas Fiat agora. Ela pretende que o governo mude as relações industriais e as leis que regem os direitos sindicais, e há mais de

meio século que ela é contra o transporte público. A Fiat tem a única fábrica de ônibus na Itália, que, na verdade, está fechada. Então, não há produção de transporte público na Itália, o único meio de transporte produzido é para transporte privado. Estou tentando dizer que o mercado termina na forma do monopólio; a mim me parece uma tendência quase inevitável do mercado liberal. Os Estados Unidos que têm leis que teoricamente não permitem a formação de monopólios, mas criam-se, assim mesmo, monopólios, cartéis entre dois ou três sujeitos que controlam algum tipo de mercado. Isto não me parece uma contradição. O fato é que as empresas monopolistas querem tomar o controle total sobre a força de trabalho. Esse é o caso de Terni. Está se formando é um neofeudalismo industrial em que a autoridade da empresa é uma autoridade total. Como no feudalismo, tem-se agora uma autoridade em que ocorre violência e repressão total, ou talvez, hipócrita e paternalismo. O problema é que a democracia que conhecemos, isso é a democracia que se formou em um contexto de estado nacional, está se fragmentando e se dissolvendo frente aos poderes econômicos e políticos das multinacionais. O governo da União Europeia, o Fundo Monetário Internacional são órgãos completamente fora de controle da cidadania e estão agora à revelia de qualquer governo nacional. A crise política da democracia em que se insere e torna-se mais evidente através dessa crise econômica, porque a crise econômica, todas as pretensões, todas as fixações de democracia, de paternalismo, de família, de ética – como dizia Carlo Vaz – “é capital nulo”. O que se pode fazer? É muito difícil de pensar, mas uma das coisas que é necessária é que quebre o fato de que a consciência democrática dos trabalhadores se define e é definida pelas fronteiras nacionais. Então se os trabalhadores brasileiros estão contra os trabalhadores mexicanos, ou na ThyssenKrupp os trabalhadores de Turim estão contra os trabalhadores de Terni, e os operários dos Estados Unidos se sentem pressionados porque abrem fábricas no México e tudo isso. É um assunto de muito tempo, mas o único assunto que podemos apontar é a comunicação internacional e a reconstrução de uma consciência

dos interesses, pois, os últimos dos interesses, dos trabalhadores, são os mesmos. Eu tenho essa ambição, esse desejo, essa utopia de que se algo passa em Santa Luzia, que se passa algo ou morrem os operários da ThyssenKrupp de Santa Luzia, todas as fábricas ThyssenKrupp no mundo vão para a greve. Porque se sete operários podem morrer queimados em Turim, isso quer dizer que podem morrer em Santa Luzia, em Johannesburgo, em Índia, em China... E se tivermos essa visão um pouco internacionalista, talvez possamos criar um pouco de resistência.

Duração da entrevista: 00:48:17.

Mídia: cd. Gravação: audiovisual.

Local da Entrevista: TV Universitária – UFU.